A família, a escola e o desempenho dos alunos: notas de uma interação cambiante

Wagner Silveira Rezende
Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação – CAEd/UFJF
wagner@caed.ufjf.br
Juliana Frizzoni Candian
Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação – CAEd/UFJF
jfcandian@caed.ufjf.br

Resumo

A nota de pesquisa procura relacionar a participação da família na escola com o desempenho dos alunos, destacando a efetividade de tal relação, como parece sugerir a literatura sociológica e educacional sobre o tema. Compreendendo que família e escola interagem de formas diversas, com consequências diversas, o trabalho aponta para a necessidade de reconhecer que as relações entre a família e a escola são mais complexas do que pode sugerir uma leitura apressada sobre o tema. O texto apresenta uma breve descrição das opiniões de professores e diretores da rede municipal de Belo Horizonte - MG sobre a participação das famílias e busca relaciona-la ao desempenho escolar.

Palavras-chave: desempenho escolar, família, origem social.

Breve introdução

A família tem, sabidamente, um importante papel no processo de aprendizagem das crianças, seja pelos capitais e estratégias que pode mobilizar em favor da entrada e permanência no sistema escolar, seja pela ordem moral que estabelece nas relações domésticas, propiciando a formação de disposições cognitivas mais favoráveis ao aprendizado escolar. Especialmente no caso de uma sociedade tão desigual quanto o Brasil, grande parte da variação no desempenho escolar está associada ao nível socioeconômico e a características familiares, ou seja, filhos de famílias com melhores condições socioeconômicas (condições financeiras e escolaridade, principalmente) tendem a ter melhor desempenho, maior alcance educacional e melhores performances nos resultados educacionais.

Mas se, por um lado, é na família que estão as principais explicações do aprendizado e desempenho escolar, por outro, à escola também está reservado um lugar importante nesse processo. Ao sistema escolar não deve ser dada a responsabilidade de mudar a determinação social. No entanto, deve-se reconhecer que escolas diferentes são mais ou menos bem sucedidas em fazer com que seus alunos tenham aprendizado melhor do que o esperado dadas as suas condições sociais, e é sobre esse tema que toda uma gama de pesquisas em torno do "efeito escola" tem se debruçado, em outras palavras, sobre a capacidade das escolas de, através de suas características administrativas e pedagógicas, reduzir os efeitos que as características sociais (econômicas, raciais, sexuais, culturais, entre outras) exercem sobre o aprendizado e o desempenho dos alunos[1]. Portanto, buscar as conexões entre as condições familiares e a escola é um foco interessante e rico para a compreensão do fenômeno escolar de forma madura e densa, sem cair nos perigos de interpretações inocentes acerca dos reais efeitos da escola sobre o desenvolvimento escolar e as chances de vida dos alunos. Sobre tais interpretações, voltaremos a falar na parte 1 a seguir.

Com este trabalho, esperamos sugerir algumas conexões entre os temas dos contextos familiares e do desempenho escolar, com foco na opinião de professores e diretores, atores escolares fundamentais, sobre a participação das famílias na vida escolar dos filhos. Trata-se de um trabalho inicial e exploratório, tanto na sua parte teórica quanto na sua parte empírica, e, portanto, não pretende, nem poderia fazê-lo, esgotar as possibilidades de análise das informações consideradas, e nem validar ou se filiar a nenhuma corrente teórica que trata do tema. A ideia central é lançar luz sobre uma discussão que ainda pode ser melhor desenvolvida e adensada, a partir de um trabalho de maior fôlego.

Na primeira parte deste trabalho, levantamos alguns pontos destacados pela bibliografia sociológica sobre a temática, procurando estabelecer vínculos que consideramos pertinentes entre o papel da família, o desempenho dos alunos e a

[1] Aprendizagem e desempenho são dois elementos intimamente relacionados, mas que não devem ser confundidos. Para este trabalho, estamos interessados no impacto das características familiares sobre o desempenho dos alunos. O desempenho escolar, medido, em regra, no Brasil, através de testes de proficiência aplicados no seio de sistemas de avaliação em larga escala, se refere a um conjunto de habilidades e competências mínimas que devem ser desenvolvidas pelos alunos em cada etapa de escolaridade. O desempenho é uma espécie de aprendizagem, um indicativo dela, mas nem toda aprendizagem é mensurada através do desempenho.

importância atribuída a este papel por agentes escolares centrais, como professores e gestores (no presente caso, diretores de escola). A segunda parte do trabalho é dedicada à apresentação algumas análises de dados da avaliação da rede municipal de Belo Horizonte no ano de 2010, projeto conhecido como Avalia-BH. Esses resultados devem servir de partida para investigações posteriores. Contudo, o que mostram, tendo em vista a limitação espacial do trabalho, já é suficiente para que algumas interpretações possam ser tecidas. Na parte final do trabalho, apontamos questões para novos desenvolvimentos a partir dos resultados preliminares obtidos com essa investigação.

Parte I – Família e escola: os difíceis e necessários vínculos

Na família é onde se mobilizam estratégias educativas que impulsionam o aluno no campo escolar. Isso se dá, em regra, pela transmissão do capital cultural (formas de conhecimento ou habilidades que garantem a quem o possui, entre outras coisas, a familiaridade com o mundo escolar), pelo incentivo a hábitos de estudos, pela criação, desenvolvimento e manutenção de expectativas em torno do alcance educacional, pelo capital econômico que pode mobilizar em favor desse alcance, pelo estabelecimento de estratégias que habilitem o alcance do "sucesso escolar", pelo "aprendizado naturalizado", pelo contato primevo com objetos, informações e comportamentos que, no todo, formam uma cosmologia onde a escola torna-se lugar central para a garantia de determinadas condições de vida, estabelecidas ou almejadas. Para além da discussão que envolve classe social, crucial elemento para os embates sociológicos, nos concentraremos no papel que a família pode exercer (e exerce) sobre o desempenho dos alunos.

A fim de compreender os reais efeitos da família sobre o desempenho dos alunos, assim como os reais efeitos da escola, é necessário escapar desde já das interpretações inocentes que atribuem à escola, de um lado, ou à família, de outro, a total responsabilidade pelo aprendizado, pelo desempenho, ou pelo sucesso dos alunos. Estas interpretações se concentram em valorizar um lado desta relação, ou a escola ou a família, atribuindo ao outro lado muito pouca capacidade de exercer efeitos sobre o desempenho escolar dos alunos.

Ao falar sobre interpretações inocentes, nos referimos a dois polos argumentativos que encabeçam as interpretações sobre as possibilidades da escola e da família exercerem efeitos que, de fato, alterem as condições e chances de vida dos alunos e também seu desempenho escolar. De um lado, está o que pode ser chamado de "pedagogismo inocente", segundo o qual o papel da escola é total diante da família. De acordo com esta interpretação, a escola é capaz, a partir de suas características próprias, de superar as condições familiares, e as desigualdades delas resultantes, oferecendo um ensino equalizador, que elimine tais diferenças, apagando qualquer vestígio de origem do aluno. Há uma confiança na pedagogia como uma possibilidade de dissolução das desigualdades, como se as mesmas desaparecessem ao tomarem contato com escola, diretores e professores bem preparados. É como se teorias pedagógicas bem estruturadas fossem capazes de acabar com todos os problemas sociais com os quais a escola está envolvida.

Do outro lado, está o que pode ser denominado de "derrotismo escolar", a partir do qual a escola é percebida como uma instituição de muito pouco impacto sobre as possibilidades e as chances de vida dos alunos. A escola, nesse registro, tem muito pouco a fazer diante da origem social dos alunos, cujo destino escolar já se encontra definido de antemão através da observação das características familiares que possuem. O diagnóstico social, que tem a família como o grande centro, define o resultado escolar: filhos de famílias desfavorecidas do ponto de vista econômico e cultural têm poucas chances de mudarem suas condições de vida a partir da escola, visto que esta última é incapaz de superar os problemas sociais que eles acumulam.

Nem de um lado nem de outro deste pêndulo e, com mais pertinência, nos parece, encontra-se um caminho entre estes dois polos, aristotelicamente definido como um compromisso entre as contribuições das duas interpretações anteriormente abordadas. Trata-se do que chamaremos aqui de "realismo escolar", através do qual o que há de legítimo nas duas interpretações anteriores é levado em consideração para fomentar uma nova perspectiva, mais acurada, sobre os papéis da escola e da família no desempenho do aluno. Assim, como para o "derrotismo escolar", os problemas sociais são anteriores à escola e devem ser considerados na análise do desempenho. Contudo, como para o "pedagogismo inocente", a escola tem papel ativo para reduzir os efeitos emergentes da

origem social. De acordo com a perspectiva do “realismo escolar”, que aqui utilizamos como pano de fundo motivador de nossas investigações, nem escola nem família podem, de antemão, ser consideradas como, necessariamente, preponderantes uma sobre a outra. O que existe, na realidade, é uma gama de interações cujos efeitos são demasiadamente complexos para serem determinados *a priori*. A família tem papel fundamental a desempenhar nesse jogo de interações, mas esse papel pode ver seus efeitos sendo mitigados ou ampliados de acordo com as características da escola. O papel da família nunca desparece, assim como o da escola.

Tendo em mente essa pano de fundo, esse contexto discursivo até aqui sumariamente delineado, resta saber como essas interações entre a família e a escola se processam. Em outras palavras, quais os efeitos que as características familiares podem exercer sobre o desempenho dos alunos? Como esses efeitos são percebidos e apropriados pelos atores escolares? Essas questões servirão de norte para o debate que empreendemos neste trabalho.

Bernard Lahire (1997) atenta para o fato de que as famílias desenvolvem diversas estratégias para a transmissão do capital cultural e que algumas delas favorecem, com maior sucesso, a formação de disposições cognitivas associadas ao mundo escolar. O autor destaca as formas familiares de cultura escrita, não só os hábitos de leitura, mas a sua vivência positiva e em compatibilidade com as modalidades de socialização escolar. Além disso, a ordem moral doméstica, voltada não apenas para o domínio escolar, mas para domínios periféricos, como bom comportamento, de conformidade com regras, incentivo ao esforço e perseverança, são traços que preparam para uma boa escolarização (op. cit, 21 e 26).

Os investimentos pedagógicos feitos pelas famílias também podem ser decisivos na escolarização da criança e estão associados à probabilidade de êxito na carreira escolar. Como destaca Alves (2007), a possibilidade de ascensão ou manutenção da atual posição são fatores que fazem variar os investimentos na carreira escolar. A ideia de manutenção ou ascensão social é fundamental para o entendimento da importância dada ao sucesso escolar. Em um contexto onde o capital escolar, parte do capital cultural, é um aspecto fundamental para a manutenção das condições de vida, ou da ascensão social, a carreira escolar se torna artigo de primeira necessidade.

Além das escolhas, as relações entre os pais e filhos, aquilo que Coleman (1988 apud Franco et alli, 2005) identifica como capital social intrafamiliar, têm impactos no desempenhos dos alunos. Para o autor, a presença do capital social é decisiva na transmissão do capital humano para os filhos e seria facilitada nas famílias menores e com a presença de ambos os pais.

> Assim, fatores como o tamanho das famílias e estrutura familiar ganham destaque. Muitos autores argumentam que quanto mais filhos (crianças), menos tempo os pais têm para se dedicar a cada um deles. Portanto, o número de filhos é um indicador de capital social familiar, não obstante, um indicador negativo. Essas investigações indicam que o capital social pode ser maior nas famílias nas quais os pais vivem juntos e têm poucos filhos, uma vez que o somatário dessas condições promove maior atenção dos pais e mais horas dedicadas aos filhos. (ALVES, op. cit., 14).

A ajuda com os deveres de casa é um bom exemplo de que quanto mais tempo os pais podem dedicar aos filhos, mais chances dos últimos obterem boas performances educacionais.

Kaztman e Rodriguez (s/d) apontam que não há dúvidas de que a força dos vínculos entre os pais e entre estes e os filhos potencializa a capacidade de transmissão do capital humano e social. Para o caso do Uruguai, os autores encontram que, nas classes populares, o aumento dos nascimentos fora do matrimônio e a instabilidade das relações conjugais aumentam as dificuldades das famílias em cumprir suas funções de reprodução social. Segundo eles, a fragilidade das novas estruturas familiares e a incerteza de sua duração no tempo tornam as capacidades de socialização dos pais debilitadas para satisfazer os níveis de habilidades cognitivas e aptidões sociais necessárias para incorporação dos filhos na vida econômica e social. No entanto, as modificações no comportamento e da situação das mulheres (diminuição da taxa de fecundidade, aumento do número de anos de estudo) são fatores que fortalecem a capacidade de socialização familiar.

Em Soares (2004), os fatores familiares, como presença de livros em casa, hábitos de leitura e envolvimento dos pais, são os que causam maior impacto na

proficiência média dos alunos. A presença de livros em casa, assim como seu consumo desde a primeira infância determinam condições de aprendizagem e de comportamentos em relação à escola e aos estudos. A herança cultural herdada, da mesma maneira que um ambiente familiar que naturaliza o consumo cultural, são elementos importantes para o entendimento do hábito escolar do aluno. Assim, envolvimento dos pais, incentivo e dedicação às tarefas escolares são atividades que garantiriam maior desempenho, no entanto, assim como as melhorias da escola, o aumento desses fatores leva a um aumento na desigualdade entre os grupos de alunos.

Há ainda que se chamar atenção para o confronto entre as lógicas de socialização escolar e de socialização popular, em confrontação desigual entre dois pólos, como aponta Daniel Thin (2006), um dominante, a escola, e outro dominado, as famílias populares:

> [A confrontação] é desigual no sentido de que as práticas e as lógicas escolares tendem a se impor às famílias populares. Ela é desigual no sentido de que os pais, tendo pouco (ou nenhum) domínio dos conhecimentos e das formas de aprendizagem escolar e dominando mal as regras da vida escolar, são, não obstante, obrigados a tentar participar do jogo da escolarização, cuja importância é grande para o futuro de seus filhos. (...). Ela é desigual, ainda, porque os pais têm o sentimento de ilegitimidade das suas práticas e de legitimidade das práticas dos professores. É dessa confrontação desigual que nascem a maioria dos mal-entendidos, das inquietações, das dificuldades entre os professores e as famílias populares. (THIN, op. cit., 215).

O que Thin aponta é que a pesquisa sociológica precisa buscar a fonte das dificuldades da escola e do ensino nos bairros populares na confrontação dessas duas lógicas desiguais, e não na carência cultural e na negligência das famílias e, portanto, a ausência das famílias na vida escolar dos seus filhos é algo que precisa ser que investigado.

Para o sistema escolar, o grande desafio é fazer com que as características familiares e as desigualdades existentes entre elas não afete negativamente o desempenho dos alunos nem aumente as diferenças entre eles. Este ponto é

fundamental para o entendimento do que significa a ideia de eficácia escolar, ou efeito-escola. Como apontamos anteriormente, o caminho mais pertinente de ser traçado parece mesmo a consideração que tanto a escola quanto a família são capazes de interações complexas, levando a resultados diferentes, de acordo com cada contexto analisado. Desta forma, considerando a importância dos efeitos familiares sobre o comportamento escolar do aluno, e, por conseguinte, sobre seu desempenho escolar, a escola pode atenuar (mas nunca eliminar completamente) os efeitos de origem (em um quadro que, para efeitos gerais, poderíamos chamar de eficácia escolar) ou aprofundar os efeitos de origem (um exemplo de ineficácia escolar). No primeiro caso, estaríamos diante da redução de desigualdades, ao passo que, no segundo caso, estamos diante da ampliação de desigualdades.

Evidentemente, o objetivo de toda escola é se situar como um agente redutor de desigualdades, ampliando as chances de seus alunos. No entanto, nem sempre as escolas conseguem realizar esse objetivo com sucesso. Em um quadro inverso, no lugar de reduzirem desigualdades, muitas escolas acabam por aguçar algumas formas de desigualdade. No âmbito das discussões sobre avaliação educacional, podemos situar esses quadros no embate entre os efeitos dos fatores extraescolares com os fatores intraescolares[2]. Os efeitos que os primeiros têm podem ser, em alguma medida, compensados ou reforçados pelos últimos.

A natureza das interações entre a escola e a família, gerando efeitos no desempenho dos alunos, é cambiante, portanto. A família é fator crucial para o entendimento do desempenho escolar do estudante. Contudo, seu papel pode ser intensificado ou atenuado, de acordo com as características que a escola possui. Essa compreensão é fundamental para que interpretações mais apressadas e deterministas em relação à natureza das relações escola-família sejam rechaçadas. É em busca de um

[2] Fatores extraescolares, como a origem social, a posse de bens materiais e culturais, a raça e o sexo do aluno, a escolaridade dos pais, a renda familiar, são aqueles que, embora não sejam oriundos da realidade escolar, antecedendo mesmo a essa realidade, são capazes de influenciar a aprendizagem e o desempenho dos alunos; eles têm sua origem independente da escola. É entre estes fatores que podemos situar a família. Por outro lado, os fatores intraescolares associados ao desempenho são aqueles que têm origem na escola, ou seja, são aqueles oriundos de características da escola e, portanto, sendo passíveis de mudança por parte dela. Alguns exemplos de importantes fatores intraescolares são: as características da gestão escolar, as práticas pedagógicas dos professores, a infraestrutura escolar, a qualificação profissional, entre outros.

entendimento mais acurado acerca dela que analisamos um caso específico para este trabalho, como exposto no próximo tópico deste trabalho.

Parte II - O que dizem os dados

Com o objetivo de explorar as relações entre características familiares e a escola, no que diz respeito à participação das famílias, algumas análises iniciais foram feitas a partir das informações da avaliação de 2010 da rede municipal da Belo Horizonte, capital do estado brasileiro de Minas Gerais. A avaliação, parte de um sistema municipal de avaliação educacional chamado Avalia-BH, ocorre anualmente em todas as escolas da rede e, no ano considerado, envolveu cerca de 65 mil alunos da 2ª série/3º ano à 8ª série/9º ano do Ensino Fundamental, distribuídos em 165 escolas. Os alunos respondem a testes padronizados de Língua Portuguesa, Matemática e Ciências da Natureza. Além disso, os alunos da 4ª série/5º ano até a 8ª série/9º ano, cerca de 45 mil, respondem a um questionário contextual, que permite mensurar as condições socioeconômicas da família e algumas características da escola e das práticas pedagógicas dos docentes, na opinião desses alunos. Também respondem a questionários contextuais os diretores, professores e coordenadores das escolas (os questionários são confeccionados para cada um dos atores, especificamente; contudo, há questões comuns nesses questionários, permitindo, desta maneira, comparar as opiniões de diferentes atores sobre um tema comum).

Para esta nota de pesquisa, consideramos as informações dos alunos nas séries que respondem ao questionário contextual e dos professores e diretores. Consideramos a proficiência mensurada apenas para os testes de Matemática. Essas opções se devem apenas à tentativa de facilitar a descrição dos resultados. De fato, os resultados não variam muito entre os conteúdos. Quanto às informações provenientes dos questionários dos coordenadores, elas requereriam um tratamento específico, já que o coordenador é uma figura com papéis diferentes em diferentes escolas (às vezes mais pedagógico, às vezes mais administrativo), o que poderia fazer variar os resultados. Como essas diferenças escapam aos nossos objetivos com este trabalho, não dizendo respeito a ele diretamente, optamos, sem prejuízo de nossa construção e sustentação argumentativa, não nos debruçarmos sobre as informações oriundas dos questionários dos coordenadores pedagógicos.

Para esse momento inicial, portanto, não foram consideradas as informações fornecidas por tais coordenadores. Além disso, as informações levantadas a partir das opiniões de professores e diretores sobre o tema aqui investigado já são suficientes para nos dar indicações precisas dos vínculos entre a família (e suas características) dos alunos e a escola. Tais atores, sem desconsiderar a importância do coordenador pedagógico, continuam sendo de vital importância para todas as práticas escolares (sejam elas pedagógicas ou administrativas) que exercem efeitos sobre a aprendizagem e o desempenho dos alunos.

A seguir, passamos à descrição das respostas de professores e diretores no que toca à participação das famílias na escola. Em seguida, características familiares associadas ao que a literatura identifica como relacionadas ao desempenho e sucesso escolar serão descritas, especialmente relacionadas ao desempenho em Matemática.

Na opinião dos 159 diretores considerados, a participação dos pais ainda é pequena. Para a maior parte deles, 49% dos diretores, isso é um problema grave na escola, como mostra a tabela 1, embora a relação da família com a escola seja avaliada como boa ou ótima para mais de 90% deles (tabela 2). A maioria dos diretores (57%) diz que às vezes recebe apoio da família para fazer seu trabalho, mas quase 20% diz que nunca ou raramente a família apoia, resultados que podem ser observados na tabela 3. Ao contrário, como pode ser visto na tabela 4, quando se trata de acompanhar a vida escolar dos filhos, para a maioria dos diretores, isso ocorre pouco: apenas 3,2% dos diretores diz que frequentemente os pais acompanham a vida escolar dos seus filhos. Para mais de 95% deles, os pais acompanham raramente ou às vezes a vida escolar dos filhos. Em se tratando de uma rede pública de ensino, a pouca participação dos pais, identificada pelos diretores, aponta na direção do argumento levantado por Thin (2006): antes de pensar em negligência por parte das famílias, convém pensar em quanto a escola é um ambiente desafiador para essas famílias, direção interessante de investigação que não cabe no escopo deste trabalho.

Tabela 1

Pouca participação dos pais - Problema que pode ter ocorrido na escola no último ano - opinião do diretor		
	Frequência	Percentual Válido
Sim, e foi um problema grave	77	49,0
Sim, mas não foi um problema grave	59	37,6
Não ocorreu	21	13,4
Total válido	**157**	**100**

Fonte: Avalia-BH 2010 – Tabulação própria

Tabela 2

Avaliação da relação com a família dos alunos da escola - opinião do diretor		
	Frequência	Percentual Válido
Regular	9	5,7
Boa	73	45,9
Ótima	77	48,4
Total válido	**159**	**100**

Fonte: Avalia-BH 2010 – Tabulação própria

Tabela 3

Frequência com que recebe apoio da família para desenvolver o trabalho? - opinião do diretor		
	Frequência	Percentual Válido
Raramente ou nunca	31	19,6
Às vezes	90	57,0
Frequentemente	37	23,4
Total válido	**158**	**100**

Fonte: Avalia-BH 2010 – Tabulação própria

Tabela 4

Pais acompanham a vida escolar dos filhos - opinião do diretor		
	Frequência	Percentual Válido
Raramente ou nunca	66	41,8
Às vezes	87	55,1
Frequentemente	5	3,2
Total válido	**158**	**100**

Fonte: Avalia-BH 2010 – Tabulação própria

A reunião de pais, que pode ser identificada como uma ocasião da participação dos pais na escola, ocorre com alguma frequência, de acordo com os diretores. Em mais de 95% das escolas, segundo os diretores, as reuniões acontecem pelo menos 3 vezes por ano. E em apenas 4,5% ocorrem 2 vezes ou menos. Os resultados estão na tabela 5.

Tabela 5

Reunião de pais e mestres na escola/ano - opinião do diretor		
	Frequência	Percentual Válido
Nenhuma ou até 2 vezes por ano.	7	4,5
3 vezes por ano.	58	36,9
4 vezes por ano.	45	28,7
Mais de 4 vezes por ano.	47	29,9
Total válido	**157**	**100**

Fonte: Avalia-BH 2010 – Tabulação própria

É interessante observar, na tabela 6, que para 71% dos diretores que identificam que raramente ou nunca recebem apoio dos pais na realização do seu trabalho identificam a pouca participação da família como um problema grave na escola. Esse percentual é de apenas 27% entre os diretores que dizem que frequentemente recebem apoio da família.

Tabela 6

Pouca participação dos pais - Problema que pode ter ocorrido na escola no último ano - opinião do diretor	**Frequência com que recebe apoio da família para desenvolver o trabalho? - opinião do diretor**			
	Raramente ou nunca	Ás vezes	Frequentemente	**Total**
Sim, e foi um problema grave	71,0	50,6	27,8	49,4
Sim, mas não foi um problema grave	29,0	36,0	50,0	37,8
Não ocorreu		13,5	22,2	12,8
Total	100	100	100	156

Fonte: Avalia-BH 2010 – Tabulação própria

Quanto aos professores, na tabela 8, vemos que a maioria entre os mais de 1800 professores que responderam ao questionário, mais de 80% avalia sua relação com os pais como sendo boa ou ótima, e, na tabela 9, que mais de 60% nunca teve problemas de desentendimento com a família dos alunos. Menos de 5% teve desentendimentos com as famílias.

Tabela 8

Avaliação da relação com a família dos alunos da escola - opinião do professor		
	Frequência	Percentual válido
Péssima ou ruim	35	1,9
Regular	240	13,1
Boa	976	53,1
Ótima	587	31,9
Total válido	**1838**	**100**

Fonte: Avalia-BH 2010 – Tabulação própria

Tabela 9

Frequência de desentendimentos ou conflitos entre o professor e família - opinião do professor		
	Frequência	Percentual válido
Frequentemente ou às vezes	84	4,6
Raramente	555	30,1
Nunca	1202	65,3
Total válido	**1841**	**100**

Fonte: Avalia-BH 2010 – Tabulação própria

Já o apoio que o professor recebe da família é registrado de forma mais dispersa, como pode-se observar na tabela 10. Mais de 50% dos professores nunca ou raramente recebe apoio da família, e apenas 10% dos professores diz receber apoio sempre.

Tabela 10

Frequência com que o professor recebe apoio da família - opinião do professor		
	Frequência	Percentual válido
Nunca	292	16,0
Raramente	706	38,7
Ás vezes	638	35,0
Frequentemente	189	10,4
Total	**1825**	**100**

Fonte: Avalia-BH 2010 – Tabulação própria

A correlação entre essas respostas dos diretores para a participação da família é, em geral, positiva, como mostra a tabela 11. Em outras palavras, há uma tendência de que a avaliação positiva da relação entre família e escola, a maior participação dos pais, a identificação por parte dos diretores do apoio da família, a realização de reuniões de pais e mestres e a percepção de que os pais acompanham a vida dos seus filhos estejam relacionadas da seguinte forma: quanto mais um, mais os outros. Essas correlações nos permitiram criar um indicador de participação da família na opinião do diretor, que fui usado como síntese da participação da família na escola[3]. O mesmo não ocorre com relação as opiniões dos professores, que tendem a ser mais dispersas e, portanto, não correlacionadas positivamente.

[3] Aqui fazemos menção a resultados que não estão apresentados, por falta de espaço. O mesmo ocorre adiante com relação a alguns modelos estimados para os dados. Caso seja do interesse, os detalhes da estimação desse indicador, assim como os demais resultados, poderão ser solicitados pelos emails dos autores.

Tabela 11

Correlações de Pearson para as variáveis de participação da família - diretores (número de casos na segunda linha)						
	Pouca participação dos pais - Problema que pode ter ocorrido na escola no último ano	Avaliação da relação com a família dos alunos da escola	Frequência de desentendi-mentos ou conflitos entre a direção e família	Frequência com que recebe apoio da família para desenvolver o trabalho?	Pais acompanham a vida escolar dos filhos - opinião do diretor	Reunião de pais e mestres na escola/ano
Pouca participação dos pais - Problema que pode ter ocorrido na escola no último ano	1					
	157					
Avaliação da relação com a família dos alunos da escola	0,21	1				
	157	159				
Frequência de desentendimentos ou conflitos entre a direção e família	0,11	0,30	1			
	157	159	159			
Frequência com que recebe apoio da família para desenvolver o trabalho?	0,31	0,20	0,07	1		
	156	158	158	158		
Pais acompanham a vida escolar dos filhos	0,32	0,20	0,02	0,34	1	
	157	158	158	157	158	
Reunião de pais e mestres na escola/ano	0,05	0,10	0,08	0,05	0,07	1
	156	157	157	156	157	157

Fonte: Avalia-BH 2010 – Tabulação própria

De um modo geral, o que temos, portanto, são diretores, na rede municipal de Belo Horizonte, que observam a pouca participação dos pais na vida escolar dos filhos, embora recebam, com mais frequência, apoio para o seu trabalho. No caso dos professores, embora a relação com as famílias seja vista como boa, de um modo geral, há mais dispersão com relação ao apoio que o professor identifica receber das famílias. O que interessante notar é que essa participação, tanto a observada pelos professores quanto pelos diretores, não implica em melhores resultados dos alunos. O que encontramos, como resultados iniciais para o caso em análise, é que escolas em que os diretores e professores identificam maior participação das famílias e maior apoio dado ao seu trabalho, não têm, em média, resultados significativamente diferentes das escolas em que a participação e o apoio são menores. As características das famílias, como

escolaridade dos pais e existência de livros em casa, são o que mais afetam os resultados do desempenho em Matemática, como mostra a tabela 12.

Tabela 12

Estimação de coeficientes - Modelo multinível - Desempenho em Matemática				
	Variáveis[4]	Coeficiente	Erro-padrão	Significância
Aluno	Intercepto	219,3	3,82	0,00
	Nível socioeconômico	2,6	0,28	0,00
	Sexo (feminino = 1/masculino = 0)	-1,1	0,44	0,01
	Raça (branco = 1/não branco = 0)	6,4	0,52	0,00
	Escolaridade da mãe	1,9	0,25	0,00
	Escolaridade do pai	-0,3	0,23	0,16
	Livros em casa	4,0	0,19	0,00
Escola	Participação da família - opinião do diretores	-1,9	1,90	0,31
	Nível socioeconômico médio da escola	30,5	3,48	0,00

A tabela 12 mostra os coeficientes do modelo multinível ajustado para os dados do Avalia-BH 2010 em Matemática, o mais adequado para analisar a relação entre dados que se estruturam de forma hierárquica (alunos dentro de escolas), pois permitem mensurar os efeitos sobre o desempenho da participação dos pais, considerando características da família e da escola. Nesse caso, estimamos um modelo simples, de dois níveis (alunos e escolas), controlando por características extraescolares que sabidamente tem impacto nos resultados. Assim, ainda que não seja possível explorar detidamente esses resultados, o que eles indicam é que, em média, quanto maior o nível socioeconômico da família, escolaridade da mãe e quantidade de livros em casa, maior o desempenho médio esperado dos alunos, resultados esperados a partir dos argumentos levantados na parte 1 do texto.

A escolaridade do pai não foi estatisticamente significativa, resultado esperado, uma vez que é a mãe quem, em geral, participa da vida escolar do filho e seria responsável direta pela transmissão do capital cultural. A participação dos pais na educação dos filhos está mais relacionada a ocupação, a renda da família, representada,

[4] Mais uma vez, a informação detalhada da construção das variáveis e da estimação do modelo podem ser solicitadas pelos emails dos autores.

nas nossas informações, pelo nível socioeconômico do aluno. A raça tem efeito positivo sobre o desempenho, alunos brancos tendem a ter melhores resultados (ver CANDIAN, REZENDE et alli, 2012), ao contrário do sexo, representado pelo sexo feminino: em média, alunos têm melhores resultados que as alunas em matemática.

Como mencionado, a participação dos pais, medida pelo indicador da opinião dos diretores, não foi significativa, ou seja, a média da escola não varia significativamente com a maior ou menor participação dos pais. No nível da escola, a composição do alunado, medida pelo nível socioeconômico médio, tem impacto significado sobre o desempenho médio da escola. Os resultados não mudam substancialmente quando consideramos diferentes séries.

Considerações finais

A discussão acerca das possibilidades de vida de um indivíduo tem como ponto fundamental a investigação do entorno que envolve a vida dessa pessoa. Além disso, a investigação do passado, mais especificamente de momentos tidos como cruciais para a formação de quem a pessoa se torna, como a infância, também é uma peça chave para o esforço heurístico de apontar os elementos que fizeram com que o indivíduo chegasse onde chegou. Essa forma de encarar o mundo, de observar o que circunda as pessoas, de onde elas vieram, quem são seus amigos e seus parentes, entre outros elementos de interesse, se afasta de uma visão individualista, cujo desdobramento metodológico (o individualismo metodológico) aponta para o indivíduo como o cerne primordial do interesse investigativo, o que levaria a deixar em um segundo plano a investigação acerca daquilo que extrapola as características do próprio indivíduo.

Boa parte da teoria sociológica gira em torno desse ponto, ou seja, de levar em consideração as condições sociais de "produção do indivíduo", sempre negociando soluções e debates em torno do desejo de se compreender até que ponto as características individuais são, de fato, sociais. Na busca dessa resposta, uma miríade de perspectivas teóricas foi construída, ora pendendo para o indivíduo, ora pendendo para a sociedade (o entorno no qual este indivíduo está inserido). A despeito das disputas pendulares entre estas perspectivas, o consenso se mantém diante do fato, até para os mais individualistas, de que o indivíduo é produto de uma negociação entre características singulares e a produção social de seu ser. Assim, dúvidas não há quando

a discussão passa pelo reconhecimento de que os indivíduos são formados pelas heranças de suas origens.

Sendo assim, o reconhecimento do papel da família para a determinação de uma série de características da vida social de um indivíduo não pode ser ignorado por aqueles que se debruçam sobre o entendimento do complexo fenômeno escolar e educacional. Na tentativa de tentarmos de nos posicionarmos no seio deste debate, reconhecemos a família como uma instância muito importante para o desenvolvimento de determinadas habilidades e comportamentos que podem determinar o sucesso escolar dos alunos. Contudo, por sua vez, a escola exerce, ela mesma, efeitos que são capazes de influenciar os efeitos das características familiares sobre o desempenho dos alunos, embora não os elimine.

O que percebemos com parte da pesquisa aqui esboçada é que importantes atores escolares, como os diretores e professores, ao serem questionados sobre o papel da família sobre o desempenho dos alunos, têm, regra geral, uma opinião favorável à participação da família na escola, apontando para a necessidade de uma maior participação familiar, reconhecendo que tal participação é importante. Contudo, esse reconhecimento por parte de professores e diretores não se manifesta em melhoria no desempenho dos alunos, pelo menos não da forma como foi medida essa influência. Assim, isso pode significar que outra medida é necessária para que a influência da participação da família no desempenho dos alunos se manifeste, ou que somente o apoio e participação da família não é suficiente para gerar melhoria no desempenho escolar.

Independente da influência direta da participação da família no desempenho, tendo em vista o aluno, melhor para ele estudar em uma escola onde haja essa participação familiar do que onde ela não ocorre. Isso porque a participação da família na escola tende a tornar o ambiente escolar menos hostil, mais receptivo e mais propício ao desenvolvimento de práticas que facilitem e estimulem o aprendizado dos alunos.

Bibliografia

ALVES, Fátima. *Escolhas familiares no contexto da estratificação educacional e residencial da cidade do Rio de Janeiro* (Projeto de Pesquisa apresentado para seleção de professor - Departamento de Educação, PUC-Rio – mimeo), 2007

"Efeitos de lugar". In: BOURDIEU, Pierre (org.). *A miséria do mundo*, Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

BOURDIEU, Pierre. "A Escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura". In: M.A. NOGUEIRA & A. CATANI (org.). *Escritos de Educação*, Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

CANDIAN, Juliana Frizzoni; REZENDE, Wagner Silveira; BASSO, Andreza C. M.; RODRIGUES, Carolina Ferreira; BROOKE, Daniel Aguiar de Leighton; VIGNOLI, Daniel Araújo. *Desigualdade de desempenho e raça: uma análise a partir do Paebes 2009*. Estudos em Avaliação Educacional, nº 51, 2012.

COLEMAN, J. S.; CAMPBELL, E.; HOBSON, C. McPARTLAND, J.; MOOD, A.; WEINSFIELD, F.; YORK, R. *Equality of Educational Opportunity.quality of Educational Opportunity.* Washington D. C.: Dept. of Health, Education, and Welfare, Office of Educational, 1966.

FRANCO, Creso; ALVES, Fátima; CAZELLI, Sibele; BONAMINO, Alícia. "Os efeitos das diferentes formas de capital no desempenho escolar: um estudo à luz de Bourdieu e Coleman" (mineo) 2005.

LAHIRE, Bernard *Sucesso escolar nos meios populares.* São Paulo: Ática, 1997.

KAZTMAN, Ruben; RODRIGUEZ, Federico. "Las formas de constituición de las familias pobres urbanas em Uruguay: consecuencias sobre el rendimiento educativo de los ninõs".In: *Revista Prisma* ,s/d.

SOARES, José Francisco. "Qualidade e Equidade na Educação Básica Brasileira: a evidência do SAEB-2001". In: *Archivos Analíticos de Políticas Educativas.* Vol. 12, nº 38, 2004.

_____. "O efeito da escola no desempenho cognitivo de seus alunos".In:MELLO E SOUZA, Alberto, (org.). *Dimensões da avaliação educacional*. Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. *Melhoria do desempenho cognitivo dos alunos no ensino fundamental.* São Paulo: Fundação Santillana; Editora Moderna, 2007.

THIN, Daniel. "Para uma análise das relações entre famílias populares e escola: confrontação entre lógicas socializadoras". In: *Revista Brasileira de Educação.* Vol. 11, nº 32, 2006.

VAN ZANTEN, Agnès. "Cultura da rua ou cultura da escola?". In: *Educação e Pesquisa.* Vol. 26, nº 01, 2000.